

CRISE NO MERCADO FINANCEIRO

Economia - Brasil

Franco diz que preço da crise será caro

Presidente do BC diz que mercado ameaçava arrastar estabilidade do Plano Real

SORAYA DE ALENCAR

RIO — Ao voar de Brasília para o Rio, na noite da última sexta-feira, o presidente do Banco Central, Gustavo Franco, não escondia a sua exaustão, mas dizia-se tranqüilo. Depois de passar a semana inteira na capital, o que não fazia desde a crise cambial de março de 95, Franco estava convicto de que o governo agiu rápido e tomou medidas inevitáveis para contornar a turbulência que se abateu sobre o mercado e ameaçava arrastar a estabilidade do Plano Real. "Fizemos o que tinha que ser feito e na hora que precisou ser feito", diz ele admitindo que o momento "foi de muita tensão e responsabilidade" e que a ordem agora "é recompor as energias".

Recostado na cadeira do avião, no entanto, ele ainda se fazia a pergunta: "Afinal o que está acontecendo?". Mesmo sem resposta, Franco diz que o governo saiu fortalecido por ter tido firmeza de ação. Fazendo um balanço da semana de crise, ele reconhece que há preços caros a serem pagos. Não só por aqueles que vivem no mercado financeiro — que não são sua maior preocupação, pois "eles sabem os riscos que correm" — mas pela população brasileira de uma forma geral.

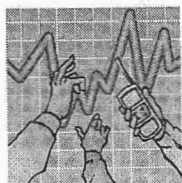
Ele diz, entretanto que "o Brasil defendeu-se bem" e que, mesmo com os remédios amargos adotados pelo governo, como a forte elevação das taxas de juros, imposta

na quinta-feira, "o custo ainda será menor que a própria crise". Recessão ele nega e diz que "para isso os juros altos teriam que ficar por muito tempo". Mas do tempo ele também não fala. Repete apenas que a política de juros altos, que terá um custo elevado para o governo por causa do impacto sobre a dívida pública, "é mesmo temporária e emergencial".

Este domingo, que tinha reservado para mergulhar em Angra dos Reis, Franco mudou os planos. Vai ficar de olho na bolsa de valores de Hong Kong e programar a sua segunda-feira. Tudo calmo, fica no Rio. Indício de intranqüilidade, voa para Brasília. Para o presidente do BC, "infelizmente não é de um dia para o outro que tudo se resolve". Ou seja, ele não acredita que toda a crise esteja superada. E é por isso que Franco diz que o governo continuará "atento e trabalhando". Sem querer falar na hipótese de novas medidas, ele diz que os bancos centrais, de todo o mundo, têm alternativas no

"plano puramente regulatório para impedir que fundamentos do mercado financeiro se tornem fontes de instabilidade".

Mesmo demonstrando o cansaço acumulado na semana, Franco mantinha mantinha o bom humor. Ante o assédio jornalístico, foi delicado. "É perseguição?", brincou. Sentado com os pés descansando sobre sua própria valise, sequer prestou atenção aos olhares curiosos dos outros passageiros do voo 407 da Varig, de Brasília para Rio. Tomou suco de laranja e guaraná diet. Comeu camarão e filé. Preferiu pão ao arroz. O voo foi muito tranqüilo, sem turbulência.



CUSTO DAS
MEDIDAS SERÁ
MENOR DO
QUE A CRISE



Dida Sampaio/AE

Gustavo Franco: 'fizemos o que tinha de ser feito e na hora certa'